

AS TENDÊNCIAS DO AGRONEGÓCIO, POR ROBERTO RODRIGUES

BALDE BRANCO

Ano 51 – número 613 – novembro 2015 – R\$ 10,50 – www.baldebranco.com.br

SOLO

O potencial do solo na produção de pastagem e de milho e as práticas que evitam a degradação e ajudam na recuperação para garantir produtividade e sustentabilidade



Preparo e bom uso da
silagem de grão
úmido de milho

Boas práticas
na produção de leite
dentro da fazenda

Tripanossomose
está assustando
o Sul de Minas

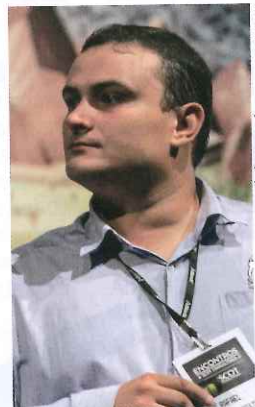
Leite e pastagem são destaques no Encontro da Scot

Com uma pauta diversificada, em que a pecuária a pasto mereceu diferentes enfoques, o leite teve seu dia especial para analisar produção e o atual mercado

Cerca de 700 participantes, entre produtores e técnicos, acompanharam as palestras e os debates que compuseram a versão 2015 do Encontro dos Encontros, evento que tem sido promovido anualmente pela Scot Consultoria. Desta vez, a programação apresentada entre os dias 29 de setembro e 2 de outubro, em Ribeirão Preto-SP, priorizou o tema adubação de pastagens e aspectos relacionados com produção, manejo, sanidade e mercado dentro da pecuária de leite e de corte.

Sobre o potencial produtivo e econômico da exploração a pasto, alguns palestrantes foram convocados a responder questões intrigantes, como: o que é mais rentável: pastagem intensiva x arrendamentos? Comprar uma fazenda nova ou dobrar a produção por área? Como intensificar a produção a partir do manejo da adubação? Qual é o futuro da pecuária do Brasil? As respostas a tais questões ficaram por conta de especialistas de renome, como Adilson Aguiar (Consupec/Fazu), Moacyr Corsi (Esalc), Geraldo Bueno Martha Jr. (Embrapa) e Carlos Ohara (Via Verde), Vlamir Leggieri (Burgi Consultoria), entre outros.

Coube ao zootecnista Rafael Ribeiro de Lima Filho, analista da Scot Consultoria, abrir o bloco Pecuária de Leite, traçando algumas projeções sobre mercado, custos de produção e conjuntura a partir dos resultados obtidos neste



Ribeiro: leite sofre ajustes entre oferta e demanda

Foto: Rodolfo Garçon/Divulgação

ano. Inicialmente, explicou como a atual crise econômica respinga no leite e que sinais disso podem ser conferidos na retração de consumo de produtos como queijos e iogurtes, principalmente. "Com o leite UHT, os sinais são menos expressivos, já que o consumidor dribla a crise optando por trocar de marcas e por preços mais baixos", explicou.

Segundo ele, o setor leiteiro está ajustando oferta à demanda no mercado interno, o que deverá persistir até meados do ano que vem. Sobre preços do leite ao produtor, comentou que permaneceram firmes e em alta até o mês de agosto, mas apresentaram queda se comparados como o mesmo período de 2014. "Considerando a média nacional, o produtor recebeu 5,3% a menos neste ano em relação à média de 2014, totalizando R\$ 0,919 por litro", disse, lembrando

do que a variação ficou na faixa de R\$ 0,88 até R\$ 1,00, ou mais, quando se trata de leite qualidade superior.

Sobre custos de produção, o analista da Scot destacou que as despesas com mão de obra, energia elétrica, combustíveis e fertilizantes aumentaram e passaram a pesar mais no bolso do produtor neste ano. Todos esses itens somados devem representar um aumento na planilha de 8,8% até o final do ano, segundo ele. Entretanto, seus estudos apontam que a pecuária de leite continua sendo um bom negócio para o produtor tecnificado, que pode e sabe responder em períodos favoráveis e também ajustar a exploração quando as cotações não se mostram muito atraentes.

Em sua apresentação, o analista disse

que o mercado internacional também deve passar por ajustes até o final do ano, já que vive uma nova ordem de oferta e de preços desde que a China reduziu suas importações de lácteos, ao mesmo tempo em que intensificou sua produção interna. "Com isso, os chineses puxaram as cotações para baixo, reduzindo de US\$ 5.200 a tonelada de leite em pó do ano passado para US\$ 1.850, em setembro. Trata-se de uma tarifa que deve se subir nos próximos meses. Já há sinais disso no mercado", destacou.

Questionado sobre o Brasil no mercado internacional, Ribeiro vê de forma positiva a aproximação do País com a Rússia, já que o acordo prevê o fornecimento de metade do leite em pó para o país europeu comprado de fora. Por outro lado, lembrou que as compras externas brasileiras causam preocupação crescente às lideranças do setor leiteiro. "As quedas nos preços dos lácteos no mercado internacional estimularam importações e provocaram um alerta em nossos indicadores de competitividade", diz. Como exemplo, cita que o leite em pó uruguaio ou argentino chega aqui por volta de R\$ 6 a R\$ 7 o kg, enquanto o produto nacional vem sendo cotado a um mínimo de R\$ 9.

EFICIÊNCIA FAZ DO LEITE BOM NEGÓCIO-

"Nem sempre o ótimo produtivo leva ao ótimo econômico na atividade leiteira". Discorrer sobre este conceito foi o desafio assumido pelo zootecnista Christiano Nascif ao falar de custos de produção e avaliação da rentabilidade na pecuária leiteira. Para isso, ele aplicou métodos de análise sobre indicadores de alguns dos mais de 1.000 produtores assistidos pelo Programa Educampo/Sebrae, do qual é coordenador técnico. A uma plateia atenta, fez questão de repetir mais de uma vez: "A eficiência é o que define o leite como bom negócio".

Com esse tom, conduziu a palestra realçando a importância de alguns indicadores. "Nos últimos 10 anos houve redução no preço do óleo diesel em 5%, dos fertilizantes em 16%; do milho, em 15%, e da soja, em 12%. Entretanto, os custos com mão de obra subiram 63%, o que anulou as quedas dos outros insumos e fez com que o custo operacional subisse 34%", descreveu, citando que o aumento no preço do leite recebido pelo produtor ficou bem abaixo, 22%.

Segundo ele, tais números não devem causar pânico, mas, sim, exigir ações voltadas para a citada eficiência num plano onde a paciência e a persistência devem dar a retaguarda para se trabalhar. "É muito capital empatado

numa atividade, cujos resultados não são revertidos da noite para o dia", citou. No seu entender, a rentabilidade da atividade leiteira deve ser, no mínimo, de 6% ao ano acima da inflação para que valha a pena tocar o negócio. "Menos que isso, sugiro olhar com mais atenção para outras atividades possíveis na propriedade", disse.

Ao falar dos fatores que determinam a remuneração do leite por qualidade, o professor Rodrigo de Almeida, do departamento de Zootecnia da Universidade Federal do Paraná, destacou que as bonificações e penalizações pelos teores de sólidos e sanidade são uma realidade que ocorre, em maior ou menor grau, em vários laticínios das regiões Sul e Sudeste do Brasil. "Essa tendência segue as demandas e exigências

do mercado, assim como ocorre em outros países com mais tradição na valorização da qualidade", disse.

Exemplificando, citou valores praticados por uma cooperativa do Paraná, na região de Campos Gerais, no mês de julho último, quando o preço-base foi de R\$ 0,88 por litro. "Em decorrência da qualidade auferida, o preço médio na empresa foi de R\$

1,14, com produtores recebendo R\$ 0,79, enquanto outros R\$ 1,21, ou seja, uma amplitude de R\$ 0,42 por litro de leite", descreveu, lembrando que por trás dessa diferença estão as contagens bacterianas e de células somáticas, volume e os índices de proteína e gordura.

Sobre os sólidos, observou que práticas de nutrição e de manejo podem afetar tanto a produção de leite como os teores de proteína e gordura.



Almeida: valorizar qualidade é uma tendência no mundo



Em quatro estações da Fazenda Nata da Serra, informações sobre a produção de leite orgânico

VISITA À FAZENDA

Uma visita técnica à Fazenda Nata da Serra, em Serra Negra-SP, também fez parte da programação do evento Encontro dos Encontros, promovido pela Scot Consultoria. Serviu para encerrar o roteiro e apresentar na prática algumas das etapas de produção de um projeto vertical de produção de leite orgânico, que está completando 16 anos nas mãos do eng. agrônomo Ricardo José Schiavinatto. Atualmente, está com 1.200 litros/dia, com rebanho predominantemente Jersolando, média de 17,8 litros/vaca/dia e 64 vacas em lactação.

O roteiro percorrido por 80 visitantes procurou contemplar quatro das principais etapas da exploração em estações estrategicamente distribuídas: manejo de pastagem e bem-estar animal; ir-

rigação e manejo de resíduos; recria, bezerreiro e manejo sanitário e suplementação alimentar: cana e silagem de milho. As explicações ficaram por conta dos agrônomos Artur Chinellato, Rosseto Júnior, Marcos Bergamaschi e André Monteiro Novo, que assistem a propriedade desde 2007.

Segundo Schiavinatto, a opção pelo leite orgânico significou uma sucessão de erros e acertos, que foram sendo apurados ao longo do tempo. Com muita dedicação superou dificuldades e hoje é considerado uma referência em lácteos orgânicos, tanto pela qualidade dos produtos que processa na própria fazenda – iogurtes, requeijão e queijos –, como pelos recursos próprios empregados no manejo do rebanho, o que significa uma série de restrições na dieta e na sanidade para garantir a certificação orgânica.

E mais: "O produtor deve saber que tais teores são antagônicos, ou seja, as mesmas práticas que podem aumentar o teor de proteína fazem baixar o de gordura e vice-versa". Para evitar que

isso ocorra, Almeida tem recomendado o fornecimento de concentrado mais distribuído ao longo do dia e o uso de vagões misturadores com a oferta de TMR ou dieta única.



Milk Show
Marketing Rural

Pindamonhangaba/SP
(12) 3645-6116
contato@milkshow.com.br
www.milkshow.com.br

f /acessemilkshow
@acessemilkshow

-  MARKETING RURAL ESPECIALIZADO
-  PRODUTORA DE VÍDEO
-  DESENVOLVIMENTO WEB
-  ESTRATÉGIA DE MARKETING
-  IMPRESSOS DE ALTA QUALIDADE
-  TRANSMISSÃO AO VIVO

